

## Considerações sobre o *Pecado Original* em Sören Kierkegaard: uma explicação do conceito e seus reflexos no mundo

André Luiz Salles\*

### Sinopse

O escopo deste trabalho é tentar mostrar de que forma a angústia pode lançar luz sobre o conceito de *pecado herdado*. Por conseguinte, “mostrar” o conceito de *pecado herdado* segundo Sören Kierkegaard. Buscaremos mostrar como a reflexividade da angústia problematiza os conceitos relativos ao *pecado herdado* na raça humana e em que sentido estes problemas podem ajudar na explicação destes conceitos.

**Palavras-chave:** Dogmática, Psicologia, Pecado Hereditário, Soren Kierkegaard.

### Abstract

The aim of this paper is to make an attempt to show how anxiety can throw light on the concept of *original sin*. More specifically, it wants to “show” the concept of *inherited sin* according to Sören Kierkegaard. We will try to show how the reflective nature of anxiety creates problems for the concepts of *inherited sin* in the human race, and in which sense these problems can help us to explain these concepts.

**Key-words:** Dogmatics, Psychology, Hereditary Sin, Anxiety, Sören Kierkegaard

---

### Introdução

Um estudo sobre a *pecabilidade* e o *pecado herdado* parece ser algo que beira a intriga, mas se corretamente compreendido pode servir para, pelo menos,

---

\* Mestre em Ciência da Religião, PPCIR-UFJF.

sinalizar para o estudante do assunto a existência de uma possibilidade e a capacidade inerente à grande maioria dos seres humanos: a capacidade de deliberar sobre um determinado objeto. Haja vista a liberdade do ser humano em ponderar, não deveria nos espantar se diante de nós fosse apresentado um outro significado concernente ao *pecado original*. Porém, no que diz respeito à *queda*, não é nosso escopo examinar o pecado de Adão, tampouco fazer uma análise do livro do Gênesis. É, sim, abordar a angústia em sua relação com o pecado, a partir da obra *O Conceito de Angústia* de Sören Kierkegaard.

Nesta obra, escrita em 1844, Sören Kierkegaard utiliza o pseudônimo Vigilius Haufniensis para a sua publicação. O motivo para a utilização do pseudônimo é, hoje em dia, amplamente debatido. Apresentamos, aqui, a razão na visão de Gregory R. Beabout. Segundo ele, *O Conceito de Angústia* é uma obra completamente diferente dos outros trabalhos estéticos de Sören Kierkegaard e constitui “uma deliberação educativa direta”<sup>1</sup>, onde o objetivo final é o de “mostrar” e não o objetivo de “dizer”. Tudo isto mostra-nos o uso do pseudônimo com o escopo de estar ele se eximindo de um objetivo de deliberar sobre categorias que pertencem somente ao indivíduo.<sup>2</sup> Sören Kierkegaard queria mostrar que todo e qualquer indivíduo subsequente a Adão pode ser educado pela *angústia do possível*.

Este trabalho contemplará uma reflexão com vistas ao entendimento da angústia e sua relação com o *pecado original*. Este, conforme a narrativa do Gênesis, pode referir-se tanto ao pecado cometido por Adão, quanto à conseqüência deste pecado, ou seja, a mancha hereditária com a qual todos nascemos. Se o homem não tivesse comido o fruto proibido, não teria sido expulso do paraíso (perdido a graça divina). Também, dele não teria se acercado o mal.

O tratamento da angústia no ser humano, em nosso caso, exige preliminarmente uma delimitação. Cumpre, desde já, esclarecer o lugar do qual

---

<sup>1</sup> Gregory R. BEABOUT, *Freedom and its misuses: Kierkegaard on anxiety and despair*, p. 31: “*The concept of Anxiety* is different from the other aesthetic works primarily in that it is explicitly educative”.

<sup>2</sup> Como o pecado entra no mundo, por exemplo, não é de interesse ou competência de nenhuma ciência. Portanto, nenhuma ciência pode deliberar sobre a entrada do pecado no mundo. A categoria do pecado concerne ao indivíduo. Somente a Dogmática pode pressupô-lo.

estaremos partindo. A exemplo, a angústia (como sofrimento pungente) pela realização de uma guerra entre os Estados Unidos da América e o Iraque, em virtude de que tal ansiedade possa trazer prejuízos diretos ou indiretos a um determinado indivíduo ou grupo, está fora de nossa descrição. Quero dizer com isto, neste caso, que o objeto de tal angústia refere-se a alguma coisa precisa: à guerra entre dois países; a angústia de nossa consideração é a *angústia existencial* que não tem, em princípio, um objeto específico, não se refere a nada, porém mantém uma relação com o pecado. Portanto, para este primeiro momento introdutório, estaremos talhando a angústia da moderna psicologia e qualquer outra definição ou tratamento da angústia que possua um objeto diferente do indicado. Assim, esta atitude coloca-nos diretamente no cerne de uma angústia que é uma possibilidade, mas uma possibilidade que pode explicar o *pecado herdado* progressivamente.

Contudo, uma angústia como possibilidade e relacionada com o pecado pode ou não preparar o indivíduo para um retorno ao Eterno (Deus)? Existe alguma validade de garantia absoluta de uma possível inversão da *queda* descrita no livro do Gênesis? Como pode a angústia do pecado ser sofrimento e não ter objeto? Possui a angústia uma qualidade única? Ela pode deixar de ser um sofrimento pungente? A angústia explica o Pecado Herdado Progressivamente? Como? Para este momento, por motivos particulares, tentaremos responder apenas a esta última, argumentando em torno da Psicologia, da Dogmática, do pecado original (pecado herdado), das interpretações sobre o pecado herdado e o indivíduo pós-adâmico.

## **1 A 'pecabilidade' segundo Vigilus Haufniensis**

A sexualidade tornou-se efetiva com a pecabilidade e, neste mesmo momento, a história da raça teve seu início. Assim, no início da história da raça, o primeiro homem colocou a *qualidade*. Portanto, Adão, como o primeiro homem, posicionou o seu pecado para si mesmo. Com e neste movimento, cuja precedência é angústia, Adão também tornou efetivo o pecado para toda a raça. Neste ato está toda a importância que Adão possui em relação aos outros

indivíduos subseqüentes. Dessa forma, a pecabilidade refletiu na raça e o pecado adquiriu significado para a criação inteira.

Por intermédio de Adão, foi então estabelecida uma diferença e uma similaridade entre ele e os demais indivíduos subseqüentes. A similaridade consiste na relação entre o primeiro pecado de Adão e o primeiro pecado de cada indivíduo. Esta similaridade repousa, sempre, no fato do primeiro pecado de cada indivíduo ser singular, ou seja, tanto Adão quanto os indivíduos subseqüentes tornam-se pecadores pela proclamação do próprio pecado. A diferença está na angústia, cujo *estado afetivo* precede ao pecado: a angústia conforme se deu em Adão nunca mais irá se repetir. Somente neste sentido o pecado de Adão é essencialmente diferente do primeiro pecado de cada indivíduo subseqüente. Na visão de Vigilius Haufniensis, Adão é um membro da raça humana. Portanto, nenhum ser humano pode ser essencialmente diferente de outros seres humanos com respeito à origem do mal: o homem “é *individuum* e, como tal, é ao mesmo tempo ele mesmo e a raça inteira”.<sup>3</sup>

Vigilius Haufniensis, desta forma, rejeita todas as interpretações do dogma cristão do pecado herdado, uma vez que elas posicionam a figura de Adão fora da raça humana. Ele critica o Catolicismo que contempla uma visão de Adão como sendo um ser em um estado essencialmente diferente do estado humano. Sua censura vai também para as demais explicações onde Adão é visto como uma pessoa com pleno poder para agir em favor de alguém. De igual forma, é contrário às explicações onde todo indivíduo é vítima do pecado herdado, excetuando Adão. Portanto, lançar Adão fora da história da raça, mediante uma interpretação do dogma cristão do pecado herdado é, para Vigilius Haufniensis, um erro fundamental.<sup>4</sup>

E, se acontece do primeiro pecado de Adão ser essencialmente diferente do primeiro pecado de outras pessoas? Simplesmente, Adão deixaria de ser humano. O primeiro pecado de Adão foi livremente escolhido a partir da angústia que é uma necessidade para que haja a culpa. É a partir deste fato, o ato livre, que se pode atribuir ao pecado de Adão e de todos os indivíduos subseqüentes uma qualidade. Dessa forma, a pecabilidade da raça e a angústia movem-se em

---

<sup>3</sup> Sören KIERKEGAARD, *The concept of anxiety*, p. 28: "(...) That man is *individuum* and such a way that the whole race participates in the individual and the individual in the whole race".

determinações quantitativas, isto é, a angústia e o pecado assumem, hoje no mundo, características peculiares. Contudo, fica estabelecida uma relação entre angústia e pecado que, segundo Vigilius Haufniensis, é possível de ser explicada: a conseqüência do pecado herdado ou a presença do pecado herdado no indivíduo em particular é angústia.<sup>5</sup> Mas, como ele lança luz sobre estas explicações?

## 2 A apropriação da angústia pela Psicologia

Qual seria o método de estudo da angústia que está relacionada com o pecado? Vigilius Haufniensis<sup>6</sup> delibera de maneira singular sobre este método em *O conceito de Angústia*. Na introdução deste livro, ele mostra a presença da angústia no ser humano. Também, estabelece uma relação entre angústia e pecado: “O propósito deste trabalho é tratar psicologicamente o conceito de angústia, mantendo constantemente na mente e a frente dos olhos o dogma do pecado hereditário”.<sup>7</sup> A angústia está relacionada com a experiência humana (alma) e seu método de estudo, segundo ele, se liga à descrição do estado psicológico que precede ao pecado. O pecado, por sua vez, pertence ao domínio da Dogmática que tem suas categorias baseadas na revelação. Enquanto a Psicologia explora completamente a possibilidade real do pecado, a Dogmática explica o pecado herdado [pressupondo-o] que é a possibilidade ideal do pecado.<sup>8</sup>

O debate sobre o pecado, portanto, está fora do domínio da Psicologia e de todo e qualquer outro ramo do conhecimento<sup>9</sup> que procure apropriar-se do conceito de pecado. A Dogmática, que explica<sup>10</sup> o pecado hereditário somente pressupondo-o, é o ambiente correto para a discussão do conceito de pecado. É

---

<sup>4</sup> Gregory R. BEABOUT, *Freedom and its misuses...*, p. 39-40.

<sup>5</sup> Sören KIERKEGAARD, *The concept of anxiety*, p. 52.

<sup>6</sup> Pseudônimo de Sören Kierkegaard [1813-1855].

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 14: “The present work has set as its task the psychological treatment of the concept of 'anxiety,' but in such a way that it constantly keeps *in mente* [in mind] and before its eye the dogma of hereditary sin”.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>9</sup> Dentre estes ramos do conhecimento, Vigilius Haufniensis, cita a Metafísica, a Estética e a Ética.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p.19.

um ambiente onde o indivíduo fala como indivíduo ao indivíduo.<sup>11</sup> Assim, há uma distinção metodológica entre Psicologia e Dogmática, mas a relação entre angústia e pecado permanece: a angústia é o estado que antecede o pecado, portanto é corretamente apropriada pela deliberação Psicológica. Através do entendimento da angústia, diz Vigilius Haufniensis, nós chegamos a um entendimento melhor do pecado e do pecado hereditário.

A angústia, que precede ao pecado, é estudada por todas as disciplinas que queiram acercar-se da alma humana. A Psicologia<sup>12</sup> é uma delas, mas possui, segundo Vigilius Haufniensis, a sua demarcação de competência, bem como a sua peculiaridade: deve tratar de algo que permanece estável no indivíduo. Mais além da ambiência que prepara o *salto qualitativo* do pecado, a Psicologia não irá e não poderá ir. O objeto de estudo desta deliberação psicológica é explicitado por ele:

O assunto do qual a psicologia explora necessita ser alguma coisa em repouso, que permaneça em um repouso inquietante e não algo inquietante que sempre produz a si mesmo, ou é reprimido. Mas, a partir deste algo que permanece em um repouso inquietante, o pecado surge constantemente, não por meio de uma necessidade (pois um nascimento necessário é um estado, como, por exemplo, é um estado o ciclo completo da planta); mas, através da liberdade – este algo que permanece em um repouso inquietante, esta pressuposição predisposta, a real possibilidade do pecado, é um assunto do interesse da Psicologia.<sup>13</sup>

Assim, a deliberação psicológica, ao estudar a angústia como pressuposição do pecado, não deve ser designada como um ramo da ciência que

---

<sup>11</sup> Ibid., p.16.

<sup>12</sup> A Psicologia referida por Vigilius Haufeniensis é a uma disciplina onde pode existir uma descrição e explanação da alma humana, ou seja, da natureza essencial para o ser humano. Portanto Vigilius Haufeniensis não aborda a Psicologia como cognitivismo, como o estudo do comportamento humano da maneira que é feita pela Psicologia moderna.

<sup>13</sup> Ibid., p. 21: "The subject of which psychology treats must be something in repose that remains in a restless repose, not something restless that always either produces itself or is repressed. But this abiding something out of which sin constantly arises, not by necessity (for a becoming by necessity is a state, as, for example, the whole history of the plant is a state) but by freedom – this abiding something, this predisposing presupposition, sin's real possibility, is a subject of interest for psychology." (Tradução do Autor)

trata do conceito de pecado, explicando-o. Não se trata disto. Pelo fato da proximidade do pecado com o objeto de estudo da Psicologia, também não poderíamos dizer que ela é uma ciência deficiente, ou seja, uma ciência que se apropria indevidamente de uma categoria (o pecado) diversa de sua competência. Ela poderia ser qualificada como imperfeita no tratamento do conceito de pecado se o debate do pecado estivesse em sua ambiência, o que não é verdade<sup>14</sup>. Em fim, a Psicologia é a disciplina que mediante o estudo da angústia como pressuposição do pecado hereditário fornece-nos uma última aproximação ao conceito de pecado e de pecado herdado lançando um esclarecimento sobre eles.

A distinção entre o bem e o mal entrou no mundo através da mordida do fruto da árvore do conhecimento. Também, a diferença sexual como apetite. Como isto aconteceu, nenhuma ciência pode explicar. A Psicologia veio como a mais próxima e explica a última aproximação: a liberdade, mostrando-se para si mesma, na angústia da possibilidade ou no nada da possibilidade ou no nada da angústia.<sup>15</sup>

Verificarmos, com isto, que o *salto qualitativo*, posterior à angústia, é um ato livre. Nele o indivíduo precisa posicionar o seu pecado. A Psicologia pode ocupar-se de *como* surgirá o pecado, de toda a ambiência da angústia, mas não poderá explicar como o pecado entrou no mundo. Também, não poderá ocupar-se do nascimento do pecado no indivíduo, por ser este um ato de liberdade e não uma necessidade. O *repouso inquietante*, então, pode preparar o *salto qualitativo* do pecado. Portanto, a angústia é a possibilidade para a possibilidade do pecado.

---

<sup>14</sup> O conceito de pecado, segundo Vigilius Haufeniensis, não pertence propriamente a nenhuma ciência.

<sup>15</sup> Ibid., p. 76-77: "By the eating of the fruit of the tree of knowledge, the distinction between good and evil came into the world, but also the sexual difference as a drive. How this came about, no science can explain. Psychology comes closest and explains the last approximation, which is freedom's showing-itself-for-itself in the anxiety of possibility, or in the nothing of possibility, or in the nothing of anxiety." (Tradução do Autor)

### 3 A conseqüência do Pecado Herdado em cada Indivíduo Subseqüente

#### 3.1 A reflexividade da angústia

A angústia no indivíduo subseqüente a Adão é mais reflexiva como uma conseqüência, ou seja, como um efeito da sua participação na relação da história da raça. Isto pode ser comparado a um costume, semelhante a uma segunda natureza; não uma nova qualidade. A qualidade, por sua vez, ocorreu no caso de Adão e também pode ocorrer a todo indivíduo subseqüente. A própria ambiência da angústia não é uma *suficiente condição* para a ocorrência do pecado. Dessa forma, a angústia, quando se trata do indivíduo subseqüente a Adão, difere da angústia de Adão somente de forma quantitativa.

Por ser a angústia mais refletida, qual seria então a relação desta angústia com o pecado, no indivíduo subseqüente? Segundo Vigilius Haufniensis, não obstante a reflexividade da angústia, a verdade de que o indivíduo permanece culpado somente através de si mesmo permanece. Ele afirma, também, que esta *segunda natureza* da angústia é apenas um sentimento derivado da *angústia do pecado*, ou seja, é reflexo da pecabilidade da geração no mundo inteiro. Assim, haverá, sempre, um sentimento que talvez possa significar um *mais* ou um *menos* devido à reflexividade da angústia: a realidade do pecado não tem, nesta *segunda natureza* da angústia, poder de sustentação.

A angústia, em uma participação posterior, é mais reflexiva como uma conseqüência da participação do indivíduo na história da raça – algo que pode ser comparado com o costume, que é algo como uma segunda natureza, não como uma qualidade, mas simplesmente como uma progressão quantitativa – porque a angústia agora entrou no mundo com um novo significado. O pecado ‘entrou’ na angústia; mas, por sua vez, o pecado trouxe, com ele e através dele, angústia. A bem da verdade, a realidade do pecado é uma realidade que não tem poder de manter-se. Se por um lado, a continuidade do pecado é a possibilidade que traz

angústia; de outro lado, a possibilidade de salvação é ainda um nada, o qual o indivíduo ama e teme porque isto é sempre, para o indivíduo, relação de possibilidade. Somente no momento que a salvação é realmente colocada é esta angústia superada.<sup>16</sup>

Temos assim, na reflexibilidade da angústia, uma realidade do pecado que é sempre uma “relação de possibilidade” para o indivíduo e somente quando a salvação é realmente colocada, esta angústia, que não é a *angústia do pecado*, é superada juntamente com a possibilidade. Portanto, a reflexividade da angústia, ou seja, a angústia no indivíduo subsequente mostra-nos a *acumulação quantitativa* e o *salto qualitativo*.

Esta refletividade é predisposição que, antes do indivíduo tornar-se culpado, significa essencialmente nada; enquanto que, quando através do salto qualitativo ele se torna culpado é a pressuposição através da qual o indivíduo vai além de si mesmo, porque o pecado se supõe a si mesmo, obviamente não antes dele ser posicionado (o que é a predestinação), mas no momento em que é colocado.<sup>17</sup>

O fenômeno da *segunda natureza* da angústia não aconteceu no caso de Adão, porém a partir da sua pecabilidade. Assim, a *acumulação quantitativa* e o *salto qualitativo* devem estar claros para que o indivíduo possa compreender a *segunda natureza* da angústia (relativa ao indivíduo subsequente). Vigilius Haufniensis afirma que esta diferença entre a *acumulação quantitativa* e o *salto qualitativo* está presente de forma obscura na história quantitativa da raça. Porém,

---

<sup>16</sup> Ibid., p. 53: “Anxiety in a later participation is more reflexive as a consequence of his participation in the history of the race – something that can be compared with habit, which is something of a second nature, not a new quality but simply a quantitative progression – because anxiety has now entered into the world with a new significance. Sin entered in anxiety, but sin in turn brought anxiety along with it. To be sure, the actuality of sin is an actuality that has no endurance. On the one hand, the continuity of sin is the possibility that brings anxiety. On the other hand, the possibility of salvation is again a nothing, which the individual both loves and fears, because this is always possibility’s relation to individuality. Only in the moment that salvation is actually posited is this anxiety overcome.” (Tradução do Autor)

<sup>17</sup> Ibid., p. 62: “This reflectiveness is predisposition that, before the individual becomes guilty, signifies essentially nothing; whereas when by the qualitative leap he becomes guilty, it is the presupposition by which he goes beyond himself, because sin presupposes itself, obviously not before it is posited (which is predestination), but in that it is posited.” (Tradução do Autor)

se bem compreendida nos mostra uma angústia com dois significados<sup>18</sup>: a angústia na qual o indivíduo torna efetivo o seu pecado através do *salto qualitativo (angústia do pecado)* e a angústia que entrou e entra com o pecado<sup>19</sup>. Vigilius Haufniensis recusa afirmar que um dos efeitos da pecabilidade de Adão é a pecabilidade da raça humana e afirma a reflexividade da angústia no indivíduo subsequente.

A influência desta progressividade, por sua vez, não está somente no novo significado que o pecado adquiriu a partir da pecabilidade de Adão, mas também na relação de geração e na relação histórica. A angústia reflexiva a partir da importância da pecabilidade de Adão é explicada pela angústia objetiva; a angústia reflexiva como efeito da relação de geração e da relação histórica, pela angústia subjetiva no indivíduo, conforme veremos a seguir.

### **3.2 A angústia objetiva na criação**

Em toda a criação, está o reflexo da pecabilidade da geração no mundo inteiro. O indivíduo subsequente participa da história da raça que começou exatamente no momento em que Adão posicionou o seu pecado para si mesmo. A consequência deste ato foi o reflexo da pecabilidade em toda a geração: “Por angústia objetiva entendemos, por outro lado, o reflexo da pecabilidade da geração no mundo inteiro”.<sup>20</sup> Temos, dessa forma o pecado adquirindo um novo significado, um novo status, para a criação inteira. Mas, Vigilius Haufniensis, ao afirmar isto, não está propondo o mesmo tipo de interpretação dado pela Ortodoxia: através do pecado de Adão a natureza e a raça caíram em pecado.

---

<sup>18</sup> Ibid., p. 54.

<sup>19</sup> A “angústia que entrou e entra com o pecado”, acreditamos que seja uma referência à angústia objetiva e à angústia subjetiva. A primeira entrou no mundo com a pecabilidade de Adão. A segunda, entra no mundo com o pecado, ora pela afirmação da sensualidade como pecabilidade, ora como influência do ambiente que envolve todo indivíduo subsequente.

<sup>20</sup> Ibid., p. 56-57: "By objective anxiety we understand, on the other hand, the reflection of the sinfulness of the generation in the whole world".

Dessa forma, o indivíduo subsequente não participa do pecado através de uma relação de consequência com referência ao pecado de Adão, mas através daquilo de Vigilius Haufniensis chama de *salto qualitativo*: “o pecado entra no mundo como o súbito, isto é, através de um salto”.<sup>21</sup>

Em contrapartida, o pecado, com este novo status, trouxe com ele angústia. Porém, esta angústia que o novo status do pecado traz com ele é somente quando o indivíduo torna efetivo para si mesmo o pecado: “A rigor, a angústia, que o pecado traz com ela, é somente quando o indivíduo, através de si mesmo, torna efetivo o pecado e mais, esta angústia é obscuramente presente, na quantitativa história da raça, como um *mais* ou um *menos*”.<sup>22</sup>

A angústia objetiva na natureza é, dessa forma, o efeito do pecado ou da pecabilidade que deixou o status de pressuposição para se transformar em um “objeto”, ou melhor, em um estado<sup>23</sup> *mais* ou *menos* (aproximação quantitativa). Esta angústia, para Vigilius Haufniensis, não insinua um estado precedente (*estado de inocência*). Ela é relativa a uma *contemplação do mundo* e não é suficiente até que o indivíduo se torne culpado de forma qualitativa.

### 3.3 A angústia subjetiva

Em cada indivíduo subsequente a angústia é mais reflexiva, porém cada indivíduo subsequente precisa assumir que tem um *estado de inocência* análogo ao *estado de inocência* de Adão. Admitir tal estrutura em si mesmo e em todo ser humano é compreender de maneira correta o que vem a ser angústia subjetiva no indivíduo. Primeiro, é saber que a angústia igual à de Adão nunca mais existirá.<sup>24</sup> Segundo, não obstante a angústia de Adão, como possibilidade para a possibilidade do pecado, ter tido como objeto o *nada*, não será devido ao fato da angústia mais reflexiva no indivíduo possuir um *more* [mais] em relação à de Adão que ela deixará de ter o seu poder de qualidade.

A angústia de Adão possuía como objeto o *nada*, a geração ainda não tinha sido estabelecida. No indivíduo subsequente, talvez, o *nada* da angústia

<sup>21</sup> Ibid., p. 32: “Thus sin comes into the world as the sudden, i. e., by a leap”.

<sup>22</sup> Ibid., p. 53: “Strictly speaking, the anxiety that sin brings with it is only when the individual himself posits sin, and yet this anxiety is obscurely present as a more or a less in the quantitative history of the race.”

<sup>23</sup> Ibid., p. 15.

signifique alguma coisa em virtude de sua relação de geração. Esta relação pode ser traduzida no fato de que, em algum momento, a sensualidade tornou-se pecabilidade. Assim, qualquer coisa que se diga sobre Eva tem valor para qualquer outro indivíduo subsequente. Portanto, o efeito da relação de geração, não obstante ser um “mais” do qual nenhum indivíduo subsequente pode escapar, é um “mais” que contém também uma intensidade *mais* ou *menos*:

Mas, este ‘mais’ de angústia e sensualidade para cada indivíduo subsequente em relação a Adão pode, é claro, significar um mais ou um menos em cada indivíduo em particular. Aqui jazem diferenças que na verdade são tão horríveis que certamente ninguém ousaria pensar sobre elas no sentido profundo, isto é, com verdadeira simpatia humana. A não ser que esteja firme e convencido absolutamente de que nunca no mundo houve ou haverá um ‘mais’ tal que, através de uma simples transição, transforme o quantitativo em qualitativo.<sup>25</sup>

Para Vigilius Haufniensis, não é somente a relação de geração que pode enfraquecer os conceitos relativos ao pecado original, também a relação histórica. A existência de um ambiente histórico onde a sensualidade talvez signifique pecabilidade tem, de igual forma, influência *mais* ou *menos* (quantitativa) no indivíduo subsequente: o pecado torna a sensualidade pecabilidade. Esta influência histórica possibilita ao indivíduo tornar-se culpado na angústia, vendo o seu ser como culpado a partir da influência do ambiente no qual está inserido. Isto, porém, é quantitativo, é acumulação histórica; somente o que vale é ser culpado por si mesmo, ou seja, mediante o *salto qualitativo*. A diferença entre conhecimento histórico da pecabilidade e a pecabilidade individual é aqui, mais uma vez, importante para a explicação do que é o pecado original.

---

<sup>24</sup> Ibid., p. 60.

<sup>25</sup> Ibid., p. 72: “But this “more” of anxiety and sensuousness for every subsequent man in relation to Adam may, of course, signify a more or a less in the particular individual. Here lie differences that in truth are so appalling that surely no one would dare to think about them in a deeper sense, i.e., with true human sympathy, unless he was firmly and unshakable convinced that never in the world has there been or ever will be a “more” such that by a simple transition it transforms the quantitative into the qualitative.” (Tradução do Autor)

A sensualidade, então, não é pecabilidade. Portanto, desde que o pecado foi colocado e continua sendo colocado, a sensualidade torna-se pecabilidade. É compreensível que a pecabilidade seja geralmente aceita ou entendida como alguma outra coisa. Mas, o que o pecado significa além de tudo isto não está no objetivo de nossa investigação. A tarefa é imergir o si mesmo psicologicamente no estado que precede o pecado. Psicologicamente falando, a tarefa é imergir o si mesmo no estado que predispõe a si mesmo 'mais' ou 'menos' para o pecado.<sup>26</sup>

Posto isto, a angústia, cujo objeto é um *mais* em relação à angústia de Adão, insinua um estado precedente (de inocência) em cada indivíduo subsequente. A angústia subjetiva não é o reflexo de uma *contemplação do mundo*, mas um efeito da relação de geração e da relação histórica que transforma o *nada* da angústia, em cada indivíduo subsequente, em um "algo mais". De maneira análoga à angústia objetiva, também não é suficiente para que o indivíduo se torne culpado com propriedade. A angústia só tem qualidade quando o indivíduo, através de si mesmo, mergulhando em seu próprio ambiente, cujo estado é de dificuldade psicológica<sup>27</sup>, proclama a si mesmo na angústia e obtém a *revelação da liberdade para si mesmo na possibilidade*<sup>28</sup>. Por conseguinte, mediante o *salto qualitativo*, por si mesmo, torna-se culpado de seu próprio pecado.

## Conclusão

A angústia e o pecado são mais reflexivos no indivíduo subsequente. Existe uma intensidade (*mais ou menos*), devido à *contemplação do mundo* (angústia objetiva na natureza); ou relativo ao *estado de inocência* do indivíduo

---

<sup>26</sup> Ibid., p. 76: "Sensuousness, then, is not sinfulness, but since sin was posited and continues to be posited, it makes sensuousness sinfulness. That sinfulness consequently signifies something else as well goes without saying. But what sin further signifies is not within the scope of our investigation, the task of which is to immerse oneself psychologically in the state that precedes sin and, psychologically speaking, predisposes more or less to sin." (Tradução do Autor)

<sup>27</sup> Ibid., p. 77.

<sup>28</sup> Alastair HANNAY e Gordon MARINO D., *The Cambridge companion to Kierkegaard*, p. 317.

subseqüente (angústia subjetiva no indivíduo). A angústia como aconteceu em Adão não mais ocorrerá, uma vez que a angústia em cada indivíduo subseqüente está mais reflexiva.

A angústia mais reflexiva no indivíduo subseqüente, diferindo da angústia de Adão somente quantitativamente, é a explicação sustentável de Vigilius Haufniensis, para mostrar que: (1) *Não existe uma relação de conseqüência entre o pecado de Adão e o pecado de cada indivíduo subseqüente*; portanto, a angústia que possibilita o *salto qualitativo* do pecado no indivíduo subseqüente conserva a mesma forma de *qualidade* da angústia de Adão. Para que as interpretações relativas ao pecado original pudessem ter clareza do que realmente é o *pecado herdado* de forma a não incorrerem em erros fundamentais, não deveriam apropriar-se do pecado sob qualquer forma, em seu ambiente próprio de pesquisa. Antes, a atitude deveria ser a do discernimento adequado entre a *acumulação quantitativa* e o *salto qualitativo* e saber que a Psicologia é a disciplina que, ao explorar a angústia, mantém uma proximidade última ao pecado de todo indivíduo subseqüente. (2) *Existe uma intensidade (um mais ou menos) da angústia na qual nenhum indivíduo subseqüente pode escapar*. Tal intensidade não conserva nenhum tipo de qualidade, porém é apenas *determinação quantitativa na raça humana*. Assim, o reflexo da pecabilidade na raça inteira e a situação de cada indivíduo inserido no mundo (suas relações de geração e relações históricas), representados pela *angústia objetiva na natureza* e *angústia subjetiva no indivíduo*, respectivamente, não conservam nenhuma forma qualitativa. Nem por isto deixam de ter importância: a apreensão do *salto qualitativo* é a assimilação do fato de que todo indivíduo subseqüente tem um *estado de inocência* análogo ao de Adão. Assim, da mesma forma que Adão, todo indivíduo *precisa* proclamar-se na angústia, a possibilidade real do pecado, mediante um ato livre, não se deixando enganar por *determinações quantitativas*. Estas, por sua vez, influenciam nas interpretações do pecado herdado, tornando-as imprecisas e incorretas, ou seja, confundem-se todos os conceitos de *pecado herdado* na raça.

O que valeu para Adão tem que valer para todo indivíduo. A angústia é a *condição necessária*, mas *não suficiente* para a possibilidade do pecado. Saber distinguir o *salto qualitativo* da *acumulação quantitativa* é fundamental para que

cada indivíduo evoque uma realidade de maneira precisa e correta onde a relação entre Adão e cada indivíduo subsequente deixe de ser uma relação de consequência. A relação é de semelhança de função: o que aconteceu a Adão também acontece ao indivíduo subsequente e a reflexividade da angústia e do pecado, bem como o seu aumento quantitativo, não devem entusiasmar.

Assim, a angústia como explicação do pecado herdado progressivamente, apresentada por Vigilius Haufniensis, não é uma explicação do pecado herdado a partir do pecado de Adão, porém, uma explicação do pecado herdado em termos de suas consequências: *não como uma causa do passado* (do indivíduo Adão) que produz seus efeitos na humanidade (no indivíduo subsequente), mas o *pecado herdado* ou a *pecabilidade* como algo presente em todo indivíduo. Para entender isto, Vigilius Haufniensis quer que deixemos de lado a unilateralidade do pensamento que, de modo fantástico segundo ele, posiciona o indivíduo Adão fora da história da raça. Contudo, a característica da angústia, segundo Vigilius Haufniensis, lança luz sobre o *pecado herdado* (pecado original) mediante as explicações da reflexividade da angústia em todo indivíduo subsequente; porém, *lança luz através de sua forma ambígua*: a angústia em todo indivíduo subsequente está mais reflexiva, portanto é uma questão de quantidade (*mais ou menos*) e não é capaz de instaurar a qualidade: tem poder de confundir todos os conceitos relativos ao *pecado herdado*. A confusão pode ser via *contemplação do mundo* ou mediante as *relações de geração e relações históricas*. Não obstante, a angústia no indivíduo subsequente conserva a mesma responsabilidade da angústia de Adão e, dessa forma, ela é *qualidade* necessária, não como *suficiente condição*, mas como *condição de possibilidade real do pecado*. Na compreensão deste *estado afetivo* está a possibilidade de não se confundir o que é *pecado herdado progressivamente na raça*.

## Referências Bibliográficas

BEABOUT, Gregory R. *Freedom and Its Misuses: Kierkegaard on Anxiety and Despair*. Milwaukee: Marquette University Press, 1996.

HANNAY, Alastair, MARINO D., Gordon, *The Cambridge Companion to Kierkegaard*, Cambridge University Press, 1998.

KIERKEGAARD, Søren. *The Concept of Anxiety: a Simple Psychologically Orienting Deliberation on The Dogmatic Issue of Hereditary Sin*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1980.